

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Stéfano Stainle

**RELATÓRIO DE PESQUISA DE ESTÁGIO DE PÓS-
DOUTORAMENTO**

Relatório de pesquisa de Estágio de Pós-Doutoramento
Grande área: Linguística, Letras e Arte
Sub-área: Letras
Linha de pesquisa: Literaturas Estrangeiras Modernas
Pesquisador: Prof. Dr. Stéfano Stainle
Supervisor: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr)

Araraquara

2024

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS	03
2. METODOLOGIA	03
3. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	04
3.1 Plano de trabalho	04
3.2 Cronograma de execução	04
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	05
5. ANEXOS	05

1. APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS

A proposta inicial deste estágio de pós-doutoramento era estudar a personagem Severo Snape na saga *Harry Potter*, de autoria de Joanne Kathleen Rowling (1965-), e analisar sua atuação diante das demais personagens ao longo dos sete livros que compõem a saga. Após reunião com o supervisor do estágio, concluiu-se ser mais viável a elaboração de um capítulo de livro a ser publicado futuramente. O capítulo versa sobre a aparição dos armários ao longo de toda a saga *Harry Potter* e sua relação com espacialidades e demais personagens desse universo ficcional. Também foram estudadas as relações específicas tecidas pelas aparições e utilizações desses objetos em cada caso específico. O objetivo geral e principal das análises contidas no capítulo em questão foi investigar a hipótese de que o armário, enquanto objeto plural, foi bem aproveitado e explorado ao longo dos sete livros que compõem a saga do herói homônimo. Também intentou-se percorrer os caminhos narrativos construídos pela autora para o entendimento da utilização de determinados recursos, como por exemplo as diferentes vivências e significados que as principais personagens possuíam com o armário, à luz da psicanálise freudiana a fim de analisar aparições estratégicas ao longo de pontos fundamentais da trama narrativa. Através desses caminhos a autora conseguiu criar a possibilidade de um caminho interpretativo complexo e multifacetado. Dentro dessa premissa, pretendia-se, como objetivos específicos:

- aperfeiçoar, aprofundar, ampliar e desenvolver um entendimento da ideia encerrado nas aparições do objeto estudado (armário), a partir de uma investigação sobre o universo criado pela autora e as inter-relações estabelecidas nesse universo;
- possibilitar, aprofundar e desenvolver a ideia de que o armário possui amplas leituras simbólicas dependentes de sua localização e das personagens envolvidas;
- aperfeiçoar, aprofundar e ampliar o entendimento e os estudos sobre a saga *Harry Potter*;

2. METODOLOGIA

A proposta de pesquisa ora apresentada era de cunho crítico-analítico e seria desenvolvida de acordo com a metodologia de pesquisa na área de Literatura, qual seja levantamento, leitura e análise bibliográfica, bem como produção textual e consequente divulgação no meio acadêmico (publicações de artigos, livros, capítulos de livros e textos em

2024												
MÊS												
ATIV.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1												
2												
3												
4												
5												

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado do estágio de pós-doutoramento foi a redação de um capítulo inédito intitulado “ARMÁRIOOIRÀMЯA”, com extensão de vinte e cinco páginas, constante, na íntegra no item “5. ANEXOS” do presente relatório. O original já foi enviado para os organizadores do livro ao qual este capítulo pertencerá. Ainda não há previsão para a publicação, nem o título do livro em questão, mas trata-se de uma reunião de textos de pesquisadores voltada aos temas do Insólito Ficcional.

5. ANEXOS

ARMÁRIOOIRÀMЯA

Stéfano Stainle

O texto a seguir é resultado de uma breve reflexão sobre a utilização de armários ao longo dos sete livros que compõem a saga *Harry Potter*, sendo eles *Harry Potter e a Pedra Filosofal* [*Harry Potter and the Philosopher’s Stone*, 1997], *Harry Potter e a Câmara Secreta* [*Harry Potter and the Chamber of Secrets*, 1998], *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* [*Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*, 1999], *Harry Potter e o Cálice de Fogo* [*Harry Potter and the Goblet of Fire*, 2000], *Harry Potter e a Ordem da Fênix* [*Harry Potter and the Order of the Phoenix*, 2003], *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* [*Harry Potter and the Half-Blood Prince*, 2005] e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* [*Harry Potter and the*

Deathly Hallows, 2007]. Não se espera, em hipótese alguma, chegar a conclusões últimas e imutáveis sobre os usos desses objetos ao longo da saga, mas espera-se abrir possibilidades de leitura para o entendimento da forma como essa famigerada peça de mobília – mundialmente apagada na correria do cotidiano – pode trazer conexões profundas com as personagens e contextos da obra de Joanne Kathleen Rowling. É comum que pensemos o armário como uma simples peça de mobília, utilitária e, por vezes, um tanto espaçosa. Se pararmos em nosso quarto e analisarmos exatamente o armário ou guarda roupa que ali se encontra, podemos imaginar seus vários usos e a variedade de objetos que ali se encontram. Quando recebemos visitas e não queremos perder tempo arrumando a bagunça, enfiamos tudo aquilo que queremos deixar fora de vista no armário. Algumas vezes fazemos isso de forma ordenada, outras, simplesmente enfiamos tudo de forma caótica e esprememos as portas ou gavetas de modo a deixar o ambiente em volta (quase sempre um quarto) com a aparência de organizado. O fato é que hora ou outra teremos de encontrar alguma coisa nesse mesmo armário e, caso tenhamos enfiado (socado seria a melhor definição) várias coisas de modo desorganizado, o trabalho será remover tudo o que for necessário para encontrar aquilo que procuramos. Esse uso é um dos mais interessantes do ponto de vista da reflexão vindoura, já que manter um armário organizado, saber exatamente todo o seu conteúdo e sua respectiva localização é um desafio tremendo. Deixando de lado o uso apressado de objeto capaz de esconder toda a bagunça do ambiente em uma fração de segundo, o armário pode também ser organizado de forma impecável e conter objetos comuns, que talvez não se queira deixar fora de vista. A verdade é que armários possuem portas por um simples motivo: manter fora de vista todo o seu conteúdo, do contrário uma estante – daquelas conhecidas e utilizadas nas salas das casas brasileiras nos anos 1980 e 1990 – seria suficiente para abolir o seu uso. Se a residência já representa uma condição de proteção, individualidade, vida privada e isolamento do mundo externo, o armário, dentro da residência, é o reforço dessa mesma condição, mas agora duplicado em termos de potencialidade; pode-se esconder do núcleo familiar ou de convivência aquilo que se deseja manter no nível individual; o armário, portanto, é a proteção dos segredos e individualidades em relação aos demais membros daquele espaço que já é íntimo. Em função dessas conexões e utilidades, trataremos dos armários, ou guarda roupas, como espaços de repressão, criadores de sensações, utilitários na ocultação ou demonstração de poder, riqueza, nobreza e orgulho.

Harry vivia em um “armário escuro”, “sob a escada” e “estava acostumado com aranhas” já que tal armário “vivia cheio delas” (Rowling, 2000a, p. 22). O garoto “sempre fora pequeno e muito magro para a idade”, “talvez fosse porque vivia num armário”

(Rowling, 2000a, p. 22). O armário servia de quarto para ele, mas seus tios gostavam de usá-lo como forma de castigo para o sobrinho, sempre ameaçando deixá-lo “preso naquele armário até o Natal” (Rowling, 2000a, p. 25) ou realmente deixando-o “preso por uma semana” (Rowling, 2000a, p. 26). Seu armário vivia com a “porta trancada” (Rowling, 2000a, p. 26) e “a única visita era a tia Petúnia esmurando a porta para acordá-lo” (Rowling, 2000a, p. 28). Ao longo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* temos o primeiro contato com a família Dursley e o modo de vida de Harry na casa deles. Percebe-se que o armário funciona como um instrumento de repressão e que prender o garoto no local apertado e escuro, privando-o de saber as horas e de comer, trancando-o pelo lado de fora, é o *modus operandi* de Válter e Petúnia. O armário dos Dursley representa um apagamento da história e da identidade do próprio Harry, que em determinado momento “desejou ter um relógio”, pois não “sabia que horas eram” (Rowling, 2000a, p. 30). Além dos maus tratos físicos (agressões e acesso negado à alimentação de qualidade), morais (agressões verbais e ofensas), Harry ainda sofre pela violência da negação de saber que ele realmente é, de ter conhecimento de sua verdadeira história e da história de seus pais (incluindo o modo como eles realmente morreram).

O fato de viver trancafiado em um armário é tão emblemático que não passou despercebido pelo olhar atento de Alvo Dumbledore, tanto que a o endereço da carta de Hogwarts continha as informações: “Sr. H. Potter”, “O Armário sob a Escada”, “Rua dos Alfeneiros 4”, “Little Whinging” e “Surrey” (Rowling, 2000a, p. 34). Do específico ao mais abrangente, o endereçamento da carta deixa os tios do garoto preocupados com o conhecimento sobre a sua própria casa e, naquela “noite, quando voltou do trabalho, tio Válter fez uma coisa que nunca fizera antes; visitou Harry no armário” (Rowling, 2000a, p. 36). É nesse momento que o tio lhe diz: “– Hum, sim, Harry, sobre este armário. Sua tia e eu estivemos pensando... você realmente está ficando grande demais para ele... achamos que seria bom se você se mudasse para o segundo quarto de Duda” (Rowling, 2000a, p. 37). Harry “precisou de apenas uma viagem para mudar tudo o que tinha do armário para o quarto no andar de cima. Sentou-se na cama e deu uma olhada à sua volta. Quase tudo ali estava quebrado” (Rowling, 2000a, p. 36 e 37). Depois que Harry ganha o direito de usar o quarto de brinquedos de Duda, esse conforto logo lhe escapa por culpa da magia executada por Dobby em *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Foi só quando contou aos Dursley, em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, que seu padrinho estava solto que Harry teve “todo o seu material escolar guardado no quarto”, já que os “Dursley nunca haviam permitido isso” (Rowling, 2001, p. 24). Mesmo com a autorização de usar o quarto do primo, Harry ainda precisava estudar escondido, “porque se algum dos Dursley [...] ouvisse sua pena arranhando o pergaminho, ele provavelmente ia acabar

trancado no armário embaixo da escada pelo resto do verão” (Rowling, 2000c, p. 10). Nos verões anteriores, por medo dos poderes de Harry, haviam trancado “o malão de escola do garoto no armário sob a escada” (Rowling, 2001, p. 25), e a “separação dos seus livros de feitiços” tornou-se “um verdadeiro problema”, “porque os professores em Hogwarts tinham passado muitos deveres para as férias”, então a solução foi arrombar “a fechadura do armário” e apanhar “alguns livros” (Rowling, 2000c, p. 10) para esconder em seu quarto. A situação de Harry fica cada vez mais estressante:

Todos os livros de feitiços, a varinha, as vestes, o caldeirão e a vassoura Nimbus 2000, último tipo, pertencentes a Harry tinham sido trancados no armário debaixo da escada pelo tio Válter no instante em que o sobrinho pisara em casa. Que importava aos Dursley se Harry perdesse o lugar no time de quadribol da Casa porque não praticara o verão inteiro? O que significava para os Dursley que Harry voltasse para a escola sem os deveres de casa feitos? Os Dursley eram o que os bruxos chamavam de trouxas (sem um pingo de sangue mágico nas veias) e na opinião deles ter um bruxo na família era uma questão da mais profunda vergonha. Tio Válter havia até passado o cadeado na gaiola da coruja de Harry, Edwiges, para impedi-la de levar mensagens para alguém no mundo dos bruxos. (Rowling, 2000a, p. 11)

Bruxos menores de idade não podiam usar a magia fora da escola, Harry “não contara isso aos Dursley; sabia que era apenas o terror que sentiam de que ele os transformasse em besouros bosteiros que os impedira de trancá-lo no armário embaixo da escada com a varinha e a vassoura” (Rowling, 2000a, p. 14). Fica evidente que – quando descobrem que Harry não tem autorização para fazer magia fora da escola – o problema dos Dursley é especificamente com a magia, então apesar de deixarem o sobrinho livre para usar o quarto, o mundo bruxo (varinha, livros, caldeirão, utensílios e objetos mágicos), “todo o [...] material de Hogwarts” fica “[t]rancado no armário embaixo da escada” (Rowling, 2000a, p. 28), o mesmo local onde tentaram reprimir a magia de Harry em seus primeiros onze anos de vida. A Inquisição particular vivida por Harry demonstra uma forte repressão de Petúnia, pois não fora aceita em Hogwarts por não possuir magia. A repressão contra o garoto foi tão marcante que, ao ser informado de que era bruxo (por Rúbeo Hagrid), “teve a certeza de que tinha havido um terrível engano [...] Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Válter; se era realmente um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentaram prendê-lo no armário?” (Rowling, 2000a, p. 54).

O armário sob a escada da casa dos Dursley faz o exato contraponto com o armário da família Black, uma vez que é minúsculo, aproveita um espaço relativamente inútil da residência, é escondido, abafado, escuro e tem a serventia de esconder o que mais os horroriza, a bruxaria, a magia, o encantamento, a imaginação. Esse contraponto exato traz o mesmo objeto, com composição material diferente, funcionando para manter a normalidade (talvez possamos chamar de trouxas puro-sangue), a vida trouxa que não se mistura com a vida bruxa, considerada vergonhosa. Os armários de vidro da casa de Sirius Black são feitos de material translúcido especificamente para mostrar seu conteúdo, sua bruxidade no grau mais puro, o orgulho de pertencer a uma família puro-sangue (lembre-mo-nos do brasão da família: *Toujours Pour*). Esse armário afirma o orgulho de pertencer, através do material de sua construção (vidros) e seu conteúdo – anéis, medalhas, condecorações, genealogia da família nobre, medalhões, fotos – a uma família bruxa puro-sangue.

Quando a casa de Sirius – a antiga casa de sua família, uma “casa poeirenta e mofada, onde metade dos armários continuava trancada” (Rowling, 2003, p. 133) – foi escolhida para ser a sede da Ordem da Fênix, os membros assumiram a quase infundável e impossível tarefa de limpar todos os aposentos e deixar a casa com um ar acolhedor. A casa em si parece ter uma magia própria, capaz de repelir todos que tentem se livrar das coisas que ali estão (isso se mostra também pelas atitudes de Monstro). Ao limpar “armários de portas de vidro empoeiradas”, “abarrotoados com uma estranha variedade de objetos: uma coleção de adagas enferrujadas, garras, uma pele de cobra enrolada, algumas caixas de prata oxidada [...] uma garrafa de opala engastada na rolha, contendo o que Harry tinha certeza que era sangue” (Rowling, 2003, p. 90), percebe-se que o próprio fato de possuírem portas de vidro já indica que a família queria que os objetos fossem vistos. A família Black, cujo lema encontra-se no seu brasão “*Toujours Pur*” (Sempre Puro), uma das mais antigas e mais ricas famílias puro sangue que aparecem na saga, sustenta seu orgulho por não se misturar com o sangue dos trouxas. Um dos livros encontrados enquanto os membros limpam a casa intitula-se *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*. A casa também possuía uma tapeçaria com a árvore genealógica dos Black, mostrando seu orgulho em serem nobres, ricos, puros e provando, assim, a origem de todos os membros da família. Nessa tapeçaria estava escrito “A Mui Antiga e Nobre Casa dos Black”, era velha, desbotada, bordada com fios de ouro e a origem da família remontava à Idade Média. Como já dito, a própria casa é capaz de se defender sozinha. Em determinado momento da limpeza, Rony tentou remover, “do guarda-roupa”, “uma coleção antiga de vestes púrpura”, “que tentaram estrangulá-lo” (Rowling, 2003, p. 100). Enquanto “esvaziavam os armários de portas de vidro”, “um grande número de objetos

ali dentro parecia muito relutante em deixar as prateleiras empoeiradas” (Rowling, 2003, p. 97). Sirius levou “uma mordida séria de uma caixa de rapé de prata; em poucos segundos sua mão se cobriu de uma crosta desagradável que lembrava uma grossa luva marrom” (Rowling, 2003, p. 97). Seguindo com a limpeza,

encontraram um instrumento de prata de aparência desagradável, algo semelhante a uma pinça de muitas pernas, que subiu como uma aranha pelo braço de Harry e, quando o garoto quis apanhá-la, tentou furar sua pele. Sirius agarrou-a e a esmagou com um livro pesado intitulado *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*. Havia uma caixa musical que emitiu uma toada tilintante ligeiramente sinistra quando lhe deram corda, e eles logo descobriram que estavam ficando curiosamente fracos e sonolentos [...]; um camafeu pesado que ninguém conseguiu abrir; vários selos antigos e, em uma caixa coberta de pó, uma Ordem de Merlim, primeira classe, que fora concedida ao avô de Sirius por “serviços prestados ao Ministério”. (Rowling, 2003, p. 98)

Todos os escombros retirados dos armários eram depositados em um saco de lixo e

[v]árias vezes Monstro entrou timidamente na sala e tentou contrabandear alguma coisa sob a tanga, murmurando maldições terríveis sempre que alguém o surpreendia no ato. Quando Sirius tirou à força da mão dele um grande anel de ouro com o brasão dos Black, Monstro chegou a debulhar-se num choro furioso e abandonou a sala soluçando baixinho e xingando Sirius de nomes que Harry nunca ouvira. (Rowling, 2003, p. 97 e 98)

O elfo doméstico “não parava de aparecer quando estavam todos reunidos [...] quando tentava retirar o que pudesse dos sacos de lixo” (Rowling, 2003, p. 100). O elfo doméstico é a própria contradição da casa dos Black, uma vez que os bruxos “puro-sangue” se consideram superiores aos elfos, então Monstro deveria sentir repulsa pelo pensamento da família a qual serve, mas há uma imposição que obriga os elfos a servirem sem questionar os seus senhores, é por isso que Dobby representa, na saga, não somente a liberdade física de ir e vir, mas a liberdade de poder criar seus próprios pensamentos e opiniões sobre pessoas, fatos e coisas.

Devemos aqui entender a família Black como exemplo de um extremo no universo de *Harry Potter*, já que existem quatro tipos muito bem definidos de seres humanos lidando com

a magia: trouxas puristas, trouxas não-puristas, bruxos não-puristas, bruxos puristas. Os trouxas puristas são exemplificados pela família Dursley, pois eles acham que os bruxos são degenerados, inferiores, defeituosos e se preocupam e manter a maior distância possível desse tipo de gente. Os bruxos puristas são exemplificados pela família Black, onde se auto intitulam “sanguess-puros” e consideram os trouxas como seres inferiores, que merecem morrer. Os trouxas não-puristas, como a família Granger, são aqueles que aceitam casar-se e conviver normalmente com os bruxos e os bruxos não-puristas também aceitam o oposto, e podem ser representados pela família Weasley, por exemplo. Outro exemplo do orgulho em exibir os objetos contidos em armários é Hepzibá Smith, bruxa que ficou famosa por ter se tornado uma das vítimas de Lord Voldemort quando este foi fazer uma Horcrux. A bruxa que recebeu o jovem em sua casa quando este trabalhava na loja Borgin & Burkes. Na sala de sua casa havia armários “cheios de pequenas caixas de charão, estantes repletas de livros gravados em ouro, prateleiras de esferas e globos celestes, e muitas plantas verdejantes em cachepôs de latão; de fato, a sala parecia uma cruza de antiquário de magia e estufa de plantas” (Rowling, 2005, p. 340). Semelhante ao armário da família Black, os de Hepzibá ostentavam objetos valiosos e isto mostra seu orgulho em possuir bens materiais, com uma mescla de natureza trazida por sua grande quantidade de plantas. Além de acumuladora, os armários deixavam os objetos a vista, o que revela, novamente, a vontade de mostrar aos visitantes a portentosa coleção de objetos de valores inimagináveis.

Em uma passagem marcante, Harry é acompanhado por Arthur Weasley até o Ministério da Magia para sua audiência sobre o uso de magia na presença de um trouxa, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Dentro do Ministério, ambos passam rapidamente pela sala de trabalho do Sr. Weasley, Harry vê uma “porta entreaberta à esquerda deixando à mostra o interior de um armário de vassouras” e, mais à frente a sala de trabalho, que era uma “sala escura e suja” que “parecia ligeiramente menor que o armário de vassouras” (Rowling, 2003, p. 111). O espaço destinado à sala do Sr. Weasley demonstra a forma como os trouxas ainda são vistos pelo Ministério da Magia: “duas escrivatinhas tinham sido apertadas ali e mal havia espaço para contorná-las”, e sua obsessão por artefatos trouxas se revelava no “pouco espaço de parede disponível” (Rowling, 2003, p. 111). Isso demonstra que a existência dos trouxas ocupa um espaço menor, um espaço secundário e sem muita importância dentro das questões importantes tratadas pelos bruxos. Outro momento que lembra a claustrofobia sentida durante a luta por um mundo justo, melhor e pacífico se revela quando Harry, Rony e Hermione, junto com Grampo, no Chalé das Conchas, repetem o plano de invasão ao cofre dos Lestrage em busca da espada de Godric Griffyndor. Durante esse processo “eles

permaneciam trancados no quarto, que lembrava um armário, durante horas seguidas”, “lentamente, os dias se alongaram em semanas” (Rowling, 2007, p. 396). Em um mundo de violência, injustiça e tirania crescentes, Harry se sente encurralado em sua bondade e altruísmo durante sua missão de destruir Lord Voldemort. Essa inquietação e sensação de ser antiquados se revelam, também quando Harry, Rony e Hermione visitam a casa de Xenofílio Lovegood em busca de mais informações sobre As Relíquias da Morte. Ao perguntar por Luna, são enganados e traídos por Xenofílio (que chama os Comensais da Morte), sendo o armário (guarda-roupa) de sua amiga aquilo que revela a traição e o perigo, pois “havia alguma coisa esquisita” e “não havia roupas no guarda-roupa, cujas portas estavam entreabertas” (Rowling, 2007, p. 325). Nessa cena específica as portas entreabertas e o vazio representam, respectivamente, o fato de que Luna não tem nada a esconder, uma vez que já não se encontra ali e que o vazio é uma metonímia de sua ausência e a ausência que seu pai sente, a ponto de trair a causa pela qual lutara até então, isto é, ser partidário das ideias de Dumbledore e Harry Potter.

Dumbledore possuía um objeto raro chamado Penseira, é “uma bacia de pedra rasa, com entalhes estranhos na borda; runas e símbolos”, cheia de uma substância “líquida ou gasosa”, “brilhante, branco-prateada” que se move sem cessar, “sua superfície se encapelava como água sob a ação do vento e, então, como uma nuvem, se dividia e girava lentamente”, parecia “luz liquefeita” ou “vento solidificado” e emanava uma “luz prateada” (Rowling, 2001, p. 464). Este objeto servia para guardar lembranças que, poderiam ser removidas da cabeça com o uso da varinha e despejadas na bacia, ou poderiam ser coletadas através das lágrimas e armazenadas em um frasco de vidro para depois ser despejadas em seu interior. Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, Harry visitou o escritório de Dumbledore, repleto de objetos estranhos, quadros de ex-diretores, quando “noutou uma malha de luz prateada que dançava e refulgia sobre a redoma”, “[e]le procurou a fonte da luz e viu uma nesga de luz branco-prateada que saía de um armário escuro às suas costas, cuja porta não fora bem fechada. Harry hesitou, olhou para Fawkes, depois se levantou, atravessou a sala e escancarou a porta do armário” (Rowling, 2001, p. 464). Vendo a substância, sentiu “vontade de tocá-la, de descobrir como era ao tato” (Rowling, 2001, p. 465), “puxou a varinha de dentro das vestes, lançou um olhar nervoso pelo escritório, tornou a olhar para o conteúdo da bacia e tocou-a. A superfície da substância prateada dentro da bacia começou a girar muito depressa” (Rowling, 2001, p. 465). Harry enfiou a cabeça no armário, a “substância prateada se tornara transparente; parecia vidro. Ele espiou dentro dela, esperando ver o fundo de pedra da bacia – mas, em vez disso, viu uma sala enorme sob a superfície da misteriosa substância” (Rowling,

2001, p. 465). Neste momento ele percebe que estava vasculhando uma lembrança de Dumbledore e, ao olha para o lado descobre que o diretor está ali, retirando-o da lembrança e trazendo-o de volta ao escritório: “– Professor – exclamou Harry –, eu sei que eu não devia ter... não tive intenção, a porta do armário estava entreaberta e... – Eu compreendo – disse Dumbledore” (Rowling, 2001, p. 475).

O diretor mostra-se compreensivo com a curiosidade de Harry: “– Eu estava usando a Penseira quando o Sr. Fudge chegou para a reunião e guardei-a apressado. Com certeza não fechei o armário direito. É natural que ela tenha atraído sua atenção” (Rowling, 2001, p. 476). “– Que é isso? – perguntou Harry trêmulo. – Isso? Chama-se Penseira, às vezes eu acho, e tenho certeza de que você conhece a sensação, que simplesmente há pensamentos e lembranças demais enchendo minha cabeça” (Rowling, 2001, p. 475). Cabe lembrar, aqui, que o objeto era guardado em um “armário preto que ficava ao lado do poleiro de Fawkes” e para acessá-lo, Dumbledore “correu um trinco e apanhou dentro do armário” (Rowling, 2003, p. 679). É importante saber que a Penseira ficava guardada em um armário com um trinco, uma vez que as lembranças ali contidas eram de extremo sigilo e importância. A título de exemplo de sua importância e funcionalidade, Snape a usa para guardar suas lembranças íntimas nas aulas particulares de Oclumência que ministra para Harry e, quando morre, é por meio da Penseira que o garoto descobre que o professor jamais traía Dumbledore, e enganara Lord Voldemort. É também graças ao uso da Penseira que Harry e Dumbledore conseguem visitar as cenas da vida de Tom Riddle e descobrir também os objetos utilizados para fazer as Horcruxes (inclusive a lembrança coletada de Horácio Slughorn onde o professor explica ao jovem Tom Riddle como se faz uma Horcrux). É também na lembrança do diretor que Harry ouve em primeira mão a profecia completa – que fala dele e de Lord Voldemort – revelada por Sibila Trelawney. Cabe lembrar que somente duas pessoas sabiam a profecia completa: Harry e Dumbledore. A fim de ter uma conversa particular com o garoto, em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, o “diretor apontou para uma casinha de pedra desmantelada onde os Weasley guardavam as vassouras. Um pouco intrigado, Harry acompanhou o bruxo e entraram por uma porta ragedora em um espaço menor do que um guarda-roupa normal” (Rowling, 2005, p. 63). Foi em um armário de vassouras no quintal da Toca que Harry ficou sabendo quem realmente conhecia a profecia completa.

Quando busca entrevistar Harry às escondidas – sobre o Torneio Tribruxo – e publicar uma série de mentiras sobre o garoto, Rita Skeeter o conduz a um armário minúsculo e escuro. Depois de coletar algumas declarações falsas com sua pena de repetição rápida, “a porta do armário de vassouras se escancarou. Harry olhou à volta, piscando para a claridade.

Alvo Dumbledore estava parado ali, contemplando os dois apertados no armário” (Rowling, 2001, p. 245). Quando leu o artigo da repórter, Harry percebeu que ela “pusera em sua boca uma porção de coisas que ele sequer lembrava ter dito na vida, muito menos no armário de vassouras” (Rowling, 2001, p. 252). Foi também em um armário de vassouras que Harry e Hermione se escondem quando usam o vira-tempo para salvar Bicuço e Sirius Black e precisaram se ocultar de si mesmos. Em meio a “baldes e esfregões” (Rowling, 2000c, p. 319), Harry percebeu que eles estavam dentro do armário e lá fora ao mesmo tempo, presente e passado se encontravam no mesmo plano.

Em se tratando de ocultamento, a história de Tom Riddle é cercada por armários. Quando Harry buscava mais informações sobre o sobrenome depois de o ter lido no seu diário em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, encontrou o “escudo dourado de Riddle [...]” guardado em um armário de canto” (Rowling, 2000b, p. 201). Esse escudo estava guardado próximo a uma medalha de Mérito em Magia e o nome de Riddle constava na lista de antigos monitores-chefes. Ao final do livro, Harry, Rony e Hermione descobrirão que Riddle recebera a medalha por ter mentido e forjado a culpa de Hagrid e Aragogue, em relação à abertura da Câmara Secreta. É nesse mesmo ano que Gina Weasley, controlada pela Horcrux contida no diário de Tom Riddle, invade o dormitório masculino, revira todo o material de Harry e, até, arranca a gaveta de um armário que ficava ao lado da cama em busca do Diário.

A cena realmente impactante da história de Tom Riddle, revivida por Harry na Penseira de Dumbledore, se deu quando o diretor (ainda professor na época) visitou o menino no orfanato para contar-lhe que ele era um bruxo e possuía uma vaga em Hogwarts. Ao chegar no quarto do garoto, Dumbledore se deparou com “um pequeno cômodo vazio exceto por um guarda-roupa velho e uma cama de ferro. Um garoto estava sentado em cima dos cobertores cinzentos, as pernas esticadas à frente, segurando um livro” (Rowling, 2005, p. 211). Após alguma conversa com Dumbledore, o menino o questionou:

– O senhor também é bruxo? – Sou. – Prove – replicou Riddle imediatamente, no mesmo tom de comando que usara quando dissera “fale a verdade”. [...] Dumbledore tirou a varinha do bolso interno do paletó, apontou-a para o guarda-roupa velho a um canto e fez um aceno displicente. O guarda-roupa pegou fogo. O garoto pulou da cama. Harry não podia censurá-lo por urrar de choque e fúria; todos os seus bens deviam estar ali dentro; mas, quando Riddle avançou para Dumbledore, as chamas desapareceram, deixando o guarda-roupa intacto. Riddle olhou do móvel

para Dumbledore, então, com uma expressão cobiçosa, apontou para a varinha. – Onde posso arranjar uma dessas? – Tudo a seu tempo – respondeu Dumbledore. – Acho que tem alguma coisa querendo sair do seu guarda-roupa. De fato, ouvia-se alguma coisa chocalhando baixinho. Pela primeira vez, Riddle pareceu amedrontado.

– Abra a porta – ordenou Dumbledore. Riddle hesitou, mas atravessou o quarto e escancarou a porta do armário. Na prateleira mais alta, acima de um trilho com umas poucas roupas, uma caixinha sacudia e chocalhava como se contivesse ratinhos frenéticos. – Tire-a daí – disse Dumbledore. Riddle apanhou a caixa trepidante. Pareceu nervoso. – Tem alguma coisa nessa caixa que você não deveria ter? – perguntou Dumbledore. Riddle lançou a Dumbledore um olhar demorado, penetrante e astuto. – Suponho que sim, senhor – disse finalmente com uma voz inexpressiva. – Abra-a. Riddle tirou a tampa e virou o conteúdo em cima da cama, sem olhar. Harry, que esperara alguma coisa mais excitante, viu uma confusão de pequenos objetos comuns: um ioiô, um dedal de prata e uma gaita de boca oxidada. Uma vez fora da caixa, eles pararam de tremer e mexer sobre os cobertores finos. – Você os devolverá aos donos com suas desculpas – disse Dumbledore calmamente, tornando a guardar a varinha no paletó. – Saberei se fez isso. – E alertou: – Em Hogwarts, não toleramos roubos. Riddle não pareceu sequer remotamente envergonhado; continuou a encarar Dumbledore com um olhar frio e avaliador. Por fim, disse com uma voz monótona: – Sim, senhor. (Rowling, 2005, p. 213 e 214)

A cena acima mostra um detalhe crucial para o futuro sucesso de Harry, pois o menino Riddle era capaz de roubar, infligir dor nos colegas de orfanato e ainda guardar os objetos roubados como se fossem troféus, para lembrar das vítimas e dos próprios objetos. Essa predileção pela lembrança, sofrimento de outrem e ocultamento de “troféus” fez com que Dumbledore, futuramente, percebesse que uma das fraquezas de Lord Voldemort era possuir objetos considerados valorosos e ocultá-los como troféus preciosos. Foi exatamente isso que ele fez com as Horcruxes. De um simples armário no orfanato a locais inimagináveis, de simples objetos a objetos de poder supremo e relacionados com o passado de Lord Voldemort, a história se repetiu, com a mudança de profundidade e os requintes das trevas. Foi o armário do menino órfão que revelou sua fraqueza de caráter, sua soberba em relação aos trouxas e foi também o objeto utilizado por Dumbledore para “provar” que era um bruxo e poderia fazer magia, incendiando-o. O próprio professor fez essa ligação entre Lord Voldemort e o pequeno

Tom Riddle quando este lhe procurou para lecionar Defesa Contra as Artes das Trevas em Hogwarts: “– Já se foi o tempo em que eu podia assustá-lo com um guarda-roupa em chamas e forçá-lo a compensar os seus crimes. Mas quem me dera poder, Tom... quem me dera poder” (Rowling, 2005, p. 350).

A famosa Sala Precisa de Hogwarts tem estreita relação com a ideia do armário, seja pelo fato de ser confundida ou poder, de fato, torna-se um, como nos revelam Fred e Jorge quando Harry lhes mostra a Sala: “– É estranho – disse Fred, examinando-a com a testa enrugada. – Uma vez nos escondemos do Filch aqui, lembra, Jorge? Mas era só um armário de vassouras” (Rowling, 2003, p. 322). Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, quando Harry retorna à Hogwarts depois de sua longa jornada fugindo dos Comensais, do Ministério e buscando encontrar e destruir as Horcruxes, é na Sala Precisa que a Armada de Dumbledore e toda a resistência vive, confrontando os irmãos Carrow e a diretoria de Snape. Em sua busca por mais uma Horcrux, sendo ela o diadema de Rowena Ravenclaw, Harry pergunta a Neville como se faz para sair da Sala Precisa. Neville o conduz a “um canto, onde um pequeno armário se abria para uma escada íngreme. – Surge a cada dia em um lugar diferente, por isso, nunca conseguiram encontrá-la. O único problema é que nós nunca sabemos exatamente onde vamos parar quando saímos” (Rowling, 2007, p. 455 e 456). É também na Sala Precisa que Draco Malfoy escondeu o Armário Sumidouro. Este armário era composto de um par e permitiu a entrada dos Comensais da Morte em Hogwarts, culminando no assassinato de Dumbledore. Logo após este fato, Harry perseguiu Snape, mas este “levava uma enorme dianteira – era possível que já tivesse entrado no Armário na Sala Precisa” (Rowling, 2005, p. 471). O fato de existir três armários (o armário de fuga da Armada de Dumbledore, o armário antigo no qual Harry escondeu seu exemplar de poções pertencente ao Príncipe Mestiço e o Armário Sumidouro) na Sala Precisa, somados ao fato de a própria sala se transformar em armário quando necessário, não é uma simples coincidência, a sala já é mágica e tem a função de esconder aquele (ou aquilo) que precisa ser escondido, além disso ela tem três armários importantes em seu interior. O armário Sumidouro era de conhecimento dos alunos, mas desconhecido pelos professores, como ficamos sabendo através de Minerva McGonagall: “– Não sei exatamente como aconteceu – disse a professora McGonagall perturbada [...] – Eu sei – interpôs Harry, e explicou brevemente a existência do par de Armários Sumidouros e a passagem mágica que formavam. – Eles entraram pela Sala Precisa” (Rowling, 2005, p. 484).

Em seu diálogo com Dumbledore, antes de Snape executar a tarefa que era sua, Draco revela ao diretor o seu modo de permitir a entrada dos Comensais no castelo:

– Tive de consertar aquele Armário Sumidouro que ninguém usa há anos. Aquele em que Montague sumiu no ano passado. [...] – O outro está na Borgin & Burkes – respondeu Malfoy –, e os dois formam uma passagem. Montague me contou que ficou preso no Armário de Hogwarts, suspenso no limbo, mas às vezes ele ouvia o que estava acontecendo na escola e, outras, o que estava acontecendo na loja, como se o Armário se deslocasse entre os dois pontos, mas não conseguia que ninguém o ouvisse... [...] fui o único que percebi que talvez houvesse um jeito de entrar em Hogwarts através dos Armários, se eu consertasse o que estava quebrado. (Rowling, 2005, p. 460 e 461)

É, no mínimo, curioso o fato de que o Armário Sumidouro tenha aparecido em uma cena envolvendo Harry, Draco e Lúcio Malfoy em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, quando o primeiro se perdeu em sua viagem com o pó de flu e apareceu no meio da Borgin & Burkes: “[c]om o nariz ainda doendo por causa da batida na lareira, Harry se encaminhou depressa e silenciosamente para a porta, mas antes que cobrisse metade da distância, duas pessoas apareceram do outro lado da vitrine – e uma delas era [...] Draco Malfoy” (Rowling, 2000a, p. 48). Procurando um local para se esconder, “Harry olhou depressa a toda volta e viu um grande armário preto à esquerda; correu para ele e se fechou dentro, deixando apenas uma frestinha na porta para espiar. Segundos depois, uma sineta tocou e Malfoy entrou na loja” (Rowling, 2000a, p. 48). Enquanto Harry permanecia oculto, “Draco se aproximava cada vez mais do lugar em que ele estava escondido”, “notou o armário bem em frente”, “[a]diantou-se... esticou a mão para o puxador” (Rowling, 2000a, p. 51) e foi chamado por seu pai. Harry viu “Draco se afastar [...] esperou um pouco, caso ele voltasse, e, em seguida, o mais silenciosamente que pôde, saiu do armário, passou pelos mostruários de vidro e saiu pela porta afora” (Rowling, 2000a, p. 51).

Se o armário tem o poder de esconder coisas (como já discutimos anteriormente) e a Sala Precisa também tem esse poder, então os armários dentro dessa sala revelam a necessidade da profunda ocultação de pessoas ou coisas, o segredo supremo se encontra ali. Isso se verifica pela tarefa destinada a Draco (matar Dumbledore) somado ao Voto Perpétuo de Snape, pela tarefa deixada a Harry por Dumbledore (Horcruxes) e pela resistência, seja da Ordem da Fênix, seja da Armada de Dumbledore. Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Harry quase matou Draco com o *Sectumsempra* aprendido no antigo livro de poções de Snape, entrou na Sala Precisa e, correndo lá dentro

embicou para a esquerda junto ao Armário Sumidouro quebrado, onde Montague se perdera no ano anterior, e finalmente parou em frente a um grande armário que dava a impressão de ter recebido ácido em sua superfície cheia de bolhas. Ele abriu uma das portas emperradas do armário: já fora usada como esconderijo para algum bicho engaiolado que morreria muito tempo atrás; o esqueleto tinha cinco pernas. Ele enfiou o livro do Príncipe Mestiço atrás da gaiola e bateu a porta. Parou um instante, com o coração barbaramente acelerado, e correu o olhar pela montoeira... será que conseguiria reencontrar este lugar no meio de todo esse lixo? Apanhando o busto lascado de um bruxo velho e feio de cima de um caixote próximo, colocou-o no alto do armário em que escondera o livro, encarrapitou uma velha peruca empoeirada e uma tiara oxidada na cabeça da estátua para poder distingui-la. (Rowling, 2005, p. 413 e 414)

É neste momento que Harry usa uma “tiara oxidada” para marcar o local exato onde encontrar o armário usado para esconder o livro. Essa tiara é o Diadema perdido de Rowena Ravenclaw, um objeto de poderes fabulosos que foi transformado em Horcrux. Quando retorna à Hogwarts próximo à Batalha Final com Lord Voldemort, Harry lembra-se que o diadema está sobre “o busto de pedra de um velho usando uma peruca” e “está em um armário” (Rowling, 2007, p. 488), quando, de repente, encontra “o velho armário com a superfície coberta de bolhas no qual escondera o velho livro de Poções, e em cima, o bruxo de pedra bexiguenta usando uma velha peruca empoeirada e algo parecido com uma antiga tiara descolorida” (Rowling, 2007, p. 488). Ainda nesse momento, Harry é interrompido por Draco e seus capangas (Crabbe e Goyle), que encurralam os três em busca da varinha deste. Crabbe tenta matar Rony com um *Avada Kedavra*, mas Rony, “de um salto, se escondeu para evitar o jorro de luz verde. Malfoy, sem varinha, abrigou-se atrás de um guarda-roupa de três pernas quando Hermione avançou contra eles e, a caminho, acertou Goyle com um Feitiço Estuporante” (Rowling, 2007, p. 491). Novamente é um armário na Sala Precisa que faz com que alguém se esconda, fique oculto, fora de mira e fora de vista, e dessa vez mostra a ocultação como revelação da covardia de Draco.

Outra cena simbolicamente importante é quando Harry está na sala de Argo Filch e Nick Quase Sem Cabeça convence Pirraça a jogar o Armário Sumidouro em cima da sala do zelador. Em virtude do acontecimento, Filch decide liberar Harry e este escapa de uma detenção, mas enquanto estava na sala do zelador, encontrou um envelope e um maço de

pergaminhos. Ao ler seu conteúdo, Harry fica sabendo que se trata de um curso chamado “Feiticexpresso”, cuja propaganda revela sua função:

Você se sente antiquado no mundo da magia moderna? Vê-se inventando desculpas para não executar feitiços simples? Ouve caçoadas por manejar tão mal uma varinha de condão? Temos a solução! Feiticexpresso é um curso inteiramente novo, que garante resultados rápidos e fácil assimilação. Centenas de bruxos e bruxas já se beneficiaram com o método do Feiticexpresso! (Rowling, 2000b, p. 103)

Quando Filch retornou à sala,

seus olhos pousaram em Harry e daí correram para o envelope do Feiticexpresso que, o garoto percebeu tarde demais, fora colocado meio metro mais longe do que estava antes. A cara cerosa de Filch ficou vermelho-tijolo. Harry se preparou para uma maré de fúria. Filch capengou até a escrivaninha, agarrou o envelope e jogou-o dentro de uma gaveta. – Você... você leu...? – gaguejou. – Não – mentiu Harry depressa. (Rowling, 2000b, p. 104)

A cena anterior envolve o Armário Sumidouro e, não necessariamente outro armário, mas uma escrivaninha, que têm a função dupla de servir como mesa e pequeno armário (com portas ou gavetas) e, no entanto, executa a mesma função de um armário, isto é, guardar e ocultar visualmente (ou mesmo fisicamente em casos que contam com chaves e fechaduras) objetos. A questão que se coloca na cena descrita acima é que Argo Filch é um “aborto”, ou seja, um bruxo puro-sangue que nasceu sem magia. Se considerarmos a linha extremista defendida por Lord Voldemort, ele seria a “vergonha da raça” (raça bruxa), pois nasceu em família mágica, mas não consegue executar nenhum tipo de magia. Isso explica, psicanaliticamente o prazer sentido por Filch em torturar alunos – como ficamos sabendo em virtude de seus utensílios de tortura outrora utilizados e ainda guardados em sua sala. É em uma gaveta que ele esconde a vergonha de ter nascido bruxo e não poder executar nenhum tipo de magia. A sala de Filch deveria ser vasculhada e uma vasta quantidade de objetos estranhos poderiam ser encontrados, basta saber que o Mapa do Maroto foi encontrado – em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – por Fred e Jorge em uma gaveta de seu arquivo

enquanto estavam em sua sala e o zelador os ameaçava com os castigos de costume, sendo eles detenção, arrancar as tripas e assim por diante.

Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Harry, Rony e Hermione entram, escondidos pela capa da invisibilidade, na Travessa do Tranco e na Borgin & Burkes, seguindo Draco. Na tentativa de descobrir as coisas erradas que ele estava fazendo, Harry se depara com o “mesmíssimo armário grande e escuro que [...] se escondera para evitar os Malfoy” (Rowling, 2005, p. 100) em sua primeira visita ao Beco Diagonal, quando errou o caminho com o pó de flu. Os três descobrem que Draco está tentando consertar alguma coisa e mostra alguma coisa para ameaçar Borgin, o que o deixa chocado:

– Talvez isto lhe dê mais segurança. Malfoy aproximou-se de Borgin e desapareceu atrás do armário [...] – Do que é que eles estavam falando? – sussurrou Rony, recolhendo as Orelhas Extensíveis. – Não sei – respondeu Harry pensativo. – Ele quer que consertem alguma coisa... e quer que reservem outra aí dentro... você viu o que foi que ele apontou quando disse “isso”? – Não, ele estava escondido por aquele armário... (Rowling, 2005, p. 101 e 102)

Depois ficamos sabendo que Draco mostrara seu braço com a Marca Negra, indicando que se tornara um Comensal da Morte. Novamente é um armário que esconde o segredo de alguém, pois o campo visual dos três que bisbilhotavam fica impedido por um armário e o assunto discutido por Draco e Borgin também é um armário. Nesse sentido, temos um armário que é assunto sigiloso, pois permitirá a entrada dos Comensais em Hogwarts e também um armário que esconde o fato de Draco ter se tornado um dos seguidores de Lord Voldemort. Quando Harry, Rony e Hermione, em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, desejam saber se Draco Malfoy é o herdeiro de Slytherin, decidem roubar os ingredientes para fazer a poção polissuco:

– Hemeróbios, sanguessugas, descurainia e sanguinária – murmurou ela, correndo o dedo pela lista de ingredientes. – Bem, esses são bem fáceis, estão no armário dos alunos, podemos tirar o que precisarmos... Ih, olhem só isso, pó de chifre de bicórnio, não sei onde vamos arranjar isso... pele de aramboia picada, essa vai ser uma fria também... e, é claro, um pedacinho da pessoa em quem quisermos nos transformar [...]

Rony virou-se, sem fala, para Harry, que tinha outra preocupação. – Você percebe quanta coisa vamos ter que roubar, Mione? Pele de araramboia picada, decididamente não está no armário dos alunos. Que vamos fazer, assaltar o estoque particular de Snape? Não sei se é uma boa ideia... (Rowling, 2000b, p. 143)

Depois de terem feito a poção polissuco e usado a poção do sono em Crabbe e Goyle, eles escondem “os dois num armário de vassouras” (Rowling, 2000b, p. 182 e 183), onde ficam “guardados em segurança entre baldes e esfregões” (Rowling, 2000b, p. 184). Logo que saíram correndo em busca da sala comunal da Sonserina, ouviram “as batidas abafadas que vinham do armário em que haviam trancado Crabbe e Goyle” (Rowling, 2000b, p. 192).

Em se tratando de Sonserina, poção e Snape, cabe lembrar que durante *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, o armário de ingredientes nas masmorras, utilizado pelo professor Snape, foi roubado várias vezes ao longo do ano letivo. Em uma discussão com Filch ele revela que, ao ter passado por sua sala, viu “que os archotes estavam acesos e a porta do armário estava entreaberta” (Rowling, 2001, p. 373). Mais à frente todos saberão que o era Bartolomeu Crouch Júnior quem estava roubando ingredientes para fazer a poção polissuco e manter a aparência de Alastor Moody. O próprio Bartô Crouch Júnior revela a Harry que orientou Dobby, indiretamente, sobre o guelricho e este “correu direto para o armário de Snape” (Rowling, 2001, p. 538). Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Horácio Slughorn fica incumbido de lecionar a disciplina de poções. Na primeira aula do ano Harry diz ao professor que não possui material para a disciplina e ele responde:

[u]se os ingredientes do armário hoje, e estou certo de que podemos lhe emprestar uma balança, e temos um estoque de livros usados, eles servirão até que você possa escrever para a Floreios e Borrões... Slughorn foi até um armário de canto e instantes depois virou-se com dois exemplares muito gastos de *Estudos avançados no preparo de poções*, de Libatius Borage, e entregou a Harry e Rony, juntamente com duas balanças oxidadas. (Rowling, 2005, p. 146 e 147)

É em função de seu exemplar de *Estudos avançados no preparo de poções* que Harry consegue conquistar a admiração do professor, uma vez que sempre fora um desastre em poções, grande parte devido à antipatia que sentia por Snape. Harry descobre que seu exemplar pertencera a uma pessoa que se referia a si mesma como “Príncipe Mestiço”. O

achado desse livro culmina com a descoberta mais fascinante de Harry, a história pregressa de Severo Snape:

– Bem... é – concordou Hermione. – Então eu tinha certa razão. Snape devia sentir orgulho de ser “meio Príncipe”, entende? Tobias Snape era trouxa segundo a informação do *Profeta*. – É, isso se encaixa – admitiu Harry [...] ele é como Voldemort: mãe de sangue puro, pai trouxa... vergonha dos pais, tentando ser temido pelo uso das Artes das Trevas, arranjou um novo nome imponente... *Lord Voldemort*, o *Príncipe Mestiço*, como é que Dumbledore não percebeu...? [...] – Eu ainda não entendo por que ele não denunciou você por estar usando aquele livro – comentou Rony. – Ele devia saber de onde você estava tirando tudo aquilo. – Ele sabia – explicou Harry com amargura. – Soube quando usei o *Sectumsempra*. Não precisou realmente de Legilimência... talvez soubesse até antes, ouvindo o Slughorn comentar como eu era brilhante em Poções... ele não devia ter deixado seu antigo livro no fundo daquele armário, não é? (Rowling, 2005, p. 499 e 500)

Novamente um armário é utilizado para guardar informações valiosas, que deveriam ter sido ocultadas, mas vieram ao conhecimento. Graças ao livro que pertencera a Severo Snape, Harry descobre seu passado nebuloso, seu lado sombrio com as artes das trevas e admiradores de Lord Voldemort. A falta de atenção do antigo professor de poções lhe custou o conhecimento de seu passado vergonhoso, o que será devidamente compreendido depois de Harry mergulhar nas lembranças de Snape na Penseira, após a morte deste.

Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, Harry, Rony e Hermione descobrem que Hagrid fora expulso de Hogwarts em uma cilada montada por Tom Riddle, que fez com que parecesse que a acromântula criada pelo meio gigante em um armário fosse responsabilizada pela morte da aluna. Hagrid foi responsabilizado pela morte da menina, por ter aberto a Câmara Secreta e por criar o mostro responsável pela tal morte, mas Harry e Rony conversam com Aragogue (a acromântula de Hagrid) e descobrem que ela não era o mostro:

– E você... você não veio da Câmara Secreta? – perguntou Harry, que sentia um suor frio na testa [...] – Eu não nasci no castelo. Vim de uma terra distante. [...] Hagrid era só um garoto, mas cuidou de mim, me escondeu num armário do castelo [...] Quando fui descoberta e responsabilizada pela morte da garota, ele me protegeu. Tenho vivido aqui na floresta desde então,

onde Hagrid ainda me visita. [...] – Então você nunca... nunca atacou ninguém? – Nunca – falou rouca a aranha. [...] O corpo da menina que foi morta foi encontrado no banheiro. Não conheço parte alguma do castelo a não ser o armário em que cresci. A nossa espécie gosta do escuro e do silêncio... (Rowling, 2000b, p. 235 e 236)

Outra cena envolvendo os três e Hagrid é quando estão visitando-o em sua cabana antes da execução de Bicuço e Hermione se oferece para ajudar com a bagunça feita pelo guarda-caça: “– Eu faço isso, Hagrid – ofereceu-se Hermione depressa, correndo para limpar a sujeira. – Tem outra no armário de louças – falou Hagrid, sentando-se e limpando a testa na manga. Harry olhou para Rony, que retribuiu seu olhar com desânimo” (Rowling, 2000c, p. 264). É exatamente neste momento que os quatro encontram Perebas, o rato, até então, perdido de Rony, e desse momento em diante a profecia de Sibila Trelawney se realizará, pois Pedro Pettigrew reencontrará Lord Voldemort, não sem antes desmentir toda a história por ele criada para incriminar Sirius Black. Novamente o armário revela assuntos enterrados e escondidos do passado.

É também em um armário, mais especificamente em um “tipo feio de guarda roupa [...] onde guardavam as capas” (Rowling, 2000a, p. 247) que Rony e Harry se escondem na sala dos professores e descobrem, entreouvindo a conversa alheia, que uma aluna havia sido levada pelo monstro para dentro da Câmara Secreta. Nesta cena, ao contrário do que se costuma ver, não é a verdade oculta que sai de dentro do guarda roupa e encontra o receptor do lado de fora, mas os receptores se abrigam do lado de dentro e ouvem a verdade que está do lado de fora, tal como aconteceu com Harry na Borgin & Burkes em seu primeiro ano.

Novamente a magia é ocultada, dessa vez dos tios trouxas quando Harry recorre a um armário (do antigo quarto de brinquedos de Duda) para esconder Dobby:

Harry, com o coração batendo loucamente, ouviu tio Válter entrar no corredor falando: – Duda deve ter deixado a televisão ligada outra vez, o pestinha! – Depressa! Dentro do armário! – sibilou Harry, empurrando Dobby, fechando a porta e se atirando na cama bem na hora em que a maçaneta girou. – Que... *diabo*... você... está... fazendo? – disse tio Válter por entre os dentes cerrados, o rosto horrivelmente próximo do de Harry [...] Mais um ruído e você vai desejar nunca ter nascido, moleque! Ele saiu do quarto pisando forte. Trêmulo, Harry deixou Dobby sair do armário. – Está vendo como é aqui? – perguntou. – Está vendo por que preciso voltar para

Hogwarts? É o único lugar onde tenho... *acho* que tenho amigos. (Rowling, 2000a, p. 21 e 22)

Harry já tem interiorizada, em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, depois de doze anos vivendo com os tios, a ideia de que um armário é o lugar ideal para ocultar aquilo que não deveria existir, ao menos de acordo com os seus tios.

Em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, o armário ganha um capítulo próprio, juntamente com o seu ocupante: “– CAPÍTULO SETE – O bicho-papão no armário” (Rowling, 2000c, p. 104). Remo Lupin, tendo assumido o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, leva, em sua primeira aula, a turma

para o fundo da sala, onde não havia nada exceto um velho armário em que os professores guardavam mudas limpas de vestes. Quando o professor se postou a um lado, o armário subitamente se sacudiu, batendo na parede. “Não se preocupem”, disse ele calmamente porque alguns alunos tinham pulado para trás, assustados. “Há um bicho-papão aí dentro”. A maioria dos garotos achou que isso *era* uma coisa com o que se preocupar. Neville lançou ao professor um olhar de absoluto terror e Simas Finnigan mirou o puxador, que agora sacudia barulhentemente, com apreensão. – Bichos-papões gostam de lugares escuros e fechados – informou o mestre. – Guarda-roupas, o vão embaixo das camas, os armários sob as pias... Eu já encontrei um alojado dentro de um relógio de parede antigo. (Rowling, 2000c, p. 111 e 112)

O professor indica que o bicho-papão, enquanto materialização do medo, se aloja em locais escuros e fechados. É apropriado que a falta de espaço (o claustro) e a treva primordial sejam os elementos mais próximos dos maiores medos humanos. A aula termina quando chega a vez de Harry de combater o bicho-papão e este se transforma em um Dementador. A saga de Harry e Lupin com esse tipo criatura se estende quando o professor decide ensinar-lhe a conjurar um patrono:

– Que é isso? – perguntou Harry. – Outro bicho-papão – respondeu Lupin tirando a capa. – Andei passando um pente-fino no castelo desde terça-feira e por sorte encontrei este aqui escondido no arquivo do Sr. Filch [...] Posso guardá-lo na minha sala quando não estiver em uso; tem um armário

embaixo da minha escrivadinha de que ele vai gostar. (Rowling, 2000c, p. 193 e 194)

Um bicho-papão aparece pela terceira vez na saga (em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*) enquanto os membros Ordem da Fênix limpam a casa de Sirius Black e, novamente, dentro de um armário:

Ele largou a saca de ratos em uma poltrona, depois se curvou para examinar o armário trancado, o qual Harry reparava pela primeira vez que estava vibrando. – Bom, Molly, tenho certeza de que isso é um bicho-papão – disse Sirius. (Rowling, 2003, p. 87)

Mais à frente Molly Weasley tenta lidar com o bicho-papão sozinha e este se transforma em seus filhos, seu marido e Harry mortos, quando finalmente Lupin consegue acabar com o sofrimento da pobre mulher.

É precisamente no capítulo sete de *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* que Rowling traz o conceito de medo guardado no inconsciente, e o inconsciente é representado pelo armário. Assim como os Dursley guardam Harry no armário, pois o seu maior medo era ser associado com coisas estranhas, gente esquisita e qualquer coisa que não fosse considerada normal, o armário pode representar os maiores medos de qualquer pessoa e a autora dialoga com isso de forma magistral quando cria a imagem de um ser que pode se transformar naquilo que a pessoa mais teme. Enquanto os Dementadores trazem à tona, geralmente, lembranças de traumas, o bicho-papão não precisa necessariamente lidar com medos do passado, mas pode trazer revelações de medo do presente. O bicho-papão, junto dos Dementadores e dos testrálios é a marca de um diálogo frequente com a morte, os traumas, repressões e medos.

Talvez a ligação mais curiosa do objeto armário seja com Monstro, o elfo doméstico da família Black. O pequeno elfo vive em “uma toca”, “embaixo do aquecedor no armário junto à cozinha” e a “porta encardida no canto oposto à despensa” (Rowling, 2003, p. 412) vivia sempre fechada. “A maior parte do armário” era “ocupada por um enorme aquecedor antigo”, mas no pequeno espaço “embaixo da tubulação Monstro arrumara para ele um lugar que se assemelhava a um ninho. Um emaranhado de trapos variados e cobertores velhos malcheirosos em que” se “aconchegava para dormir toda noite”, “havia pão dormido e farelos embolorados de queijo” (Rowling, 2003, p. 412) entre as roupas. Em um canto,

brilhavam pequenos objetos e moedas que Harry imaginava que o elfo tivesse salvo, como uma pega, do expurgo que Sirius estava fazendo na casa, e também conseguira salvar as fotografias de família que Sirius jogara fora durante o verão. Os vidros podiam estar partidos, mas as pessoas em preto e branco olhavam-no com arrogância, inclusive – ele sentiu um solavanco no estômago – a mulher de cabelos negros e pálpebras caídas a cujo julgamento ele assistira na Penseira de Dumbledore: Belatriz Lestrange. (Rowling, 2003, p. 412)

Em um determinado momento, os meninos notam a ausência de Monstro, Sirius então diz: “– Vou procurá-lo depois, imagino que o encontre lá em cima, se acabando de chorar em cima dos calções velhos da minha mãe ou coisa parecida. Naturalmente pode ter se escondido no armário de ventilação e morrido...” (Rowling, 2003, p. 411 - 413). O elfo que caminha e vive em armários, mais tarde, “acabou-se sabendo, andara escondido no sótão. Sirius contou que o encontrara lá em cima, coberto de pó, sem dúvida procurando mais relíquias da família Black para esconder em seu armário” (Rowling, 2003, p. 422). Mais à frente, Harry, Rony e Hermione, em sua busca pelas Horcruxes e, tendo descoberto que uma delas era o medalhão de Salazar Slytherin, lembram-se que havia um medalhão na casa dos Black, no “armário da sala de visitas” e “ninguém conseguiu abri-lo” (Rowling, 2007, p. 152). Harry lembrou-se que “tinha até manuseado o objeto quando passou de mão em mão, todos experimentando abri-lo. Por fim, fora atirado em um saco de lixo, junto com a caixa de pó de verrugueira e a caixa de música que deixou todo mundo com sono...” (Rowling, 2007, p. 152). O armário de Monstro servia como um verdadeiro relicário da família Black, amada por ele, e o elfo costumava pegar “montes dessas coisas escondido”, ele “tinha um verdadeiro tesouro escondido no armário da cozinha” (Rowling, 2007, p. 152). Ao lembra-se desse fato, Harry abriu o armário e lá “estava o ninho de sujeira, as mantas velhas em que o elfo costumava dormir, mas o armário já não brilhava com as quinquilharias que Monstro salvara. Havia apenas um velho exemplar de *A nobreza natural: uma genealogia dos bruxos*” (Rowling, 2007, p. 152). Mundungo Fletcher foi visto, por Monstro, “saindo do armário, as mãos cheias” (Rowling, 2007, p. 154). Harry, sabendo que o elfo gostava de guardar objetos de seus antigos senhores, presenteia-o com o medalhão (a falsa Horcrux deixada por Régulo Black no lugar da verdadeira) encontrado por ele e Dumbledore:

Apanhou a bolsa que Hagrid lhe dera e tirou a falsa Horcrux, o medalhão substituto em que Régulo colocara o bilhete para Voldemort.

– Monstro, eu... ãh... gostaria que você ficasse com isso – disse, colocando o medalhão nas mãos do elfo. – Isto pertenceu a Régulo, e tenho certeza que ele gostaria de lhe dar como prova de gratidão pelo que você... [...] os garotos o acompanharam ao seu armário, viram-no guardar o medalhão nas cobertas sujas, e tranquilizaram o elfo de que a proteção do objeto seria sua maior prioridade enquanto ele estivesse ausente. (Rowling, 2007, p. 160)

Monstro guarda o orgulho de ter servido à família Black, uma família extremista que defendia a supremacia dos bruxos em detrimento dos trouxas. Uma família puro-sangue preconceituosa e quase toda ligada às artes das trevas. A lealdade do elfo para com seu senhor Régulo é tão grande que ele cumpre as ordens de seu senhor e rouba uma Horcrux de Lord Voldemort. Entende-se que monstro é um mero reprodutor de frases e palavras ofensivas, já que não faz ideia de que, cumprindo a ordem de Régulo, seria visto como um traidor da causa de Lord Voldemort de limpar os trouxas do mundo.

O armário, assim representa o dentro do dentro. Ele é, a um só tempo, o dentro (da casa, sala, cômodo, espaço interno) e o fora (de vista ou acesso às demais pessoas que estão na casa). Ele consolida a ideia de conter e isolar, guardar e esconder, estar perto e distante, pode ser trancado, mas seu conteúdo está sempre prestes a se revelar, a sair. Ele representa também uma tentativa humana de reorganização do espaço e da espacialidade íntima e guarda profundas relações com tocas, cavernas, túmulos, covas, útero, frio, quente, abafado, escuro, silencioso, apertado e uma vasta quantidade de sensações que escapam à racionalidade humana. O armário é o autoconhecimento, é o espaço de intimidade e diálogo interno, é a reorganização dos elementos que constituem nosso espaço mais profundo e inconsciente. O *armarium* (do latim) é, portanto, o lugar onde se guardam as armas utilizadas por nós e contra nós. Rowling dialoga, assim, com uma tradição literária acostumada a ser subserviente e mal-acostumada a servir de exemplo para ideias positivistas da racionalidade. O armário é, em última instância, uma metonímia de sua obra, cujos temas demonstram à razão iluminista que a fantasia impera no mundo e não há ciência forte o suficiente para reprimir ou enclausurar a mais preciosa expressão de liberdade humana: a capacidade de imaginar.

REFERÊNCIAS

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.